



INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Daniel Hense – hense.daniel@gmail.com

Curso de Graduação em Engenharia Mecânica – UFSC

88.040-900 – Florianópolis – SC

Paôlo Andreas Candioto – paolocandioto@hotmail.com

Curso de Graduação em Engenharia Mecânica – UFSC

88.040-900 – Florianópolis – SC

Luiz Teixeira do Vale Pereira – teixeiravp@gmail.com

Departamento de Engenharia Mecânica – CTC – UFSC

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Tecnológica (NEPET)

88.040-900 – Florianópolis – SC

Walter Antonio Bazzo – wbazzo@emc.ufsc.br

Departamento de Engenharia Mecânica – CTC – UFSC

Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT)

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Tecnológica (NEPET)

88.040-900 – Florianópolis – SC

***Resumo:** Com a popularização da mídia, a forma de ensino em escolas e universidades foi sendo modificada. Hoje em dia tem-se uma maior velocidade no surgimento e transmissão de conhecimentos e informações, especialmente em se falando de engenharias. Da mesma forma como a mídia aliena as pessoas, os estudantes de engenharia também vão sendo moldados durante o curso, sem muito se questionarem a respeito da validade e/ou consequência do que estão aprendendo. Isso é facilitado pelo método de aula de alguns professores, e também pelo fato de nem sempre os próprios mestres refletirem sobre o que estão ensinando. A imagem de Engenheiro transmitida à população é de que eles são pessoas estritamente ligadas às indústrias, à produção e às máquinas; e que são algo à parte da sociedade. Esta é a visão com que os estudantes entram nos cursos de engenharia, e pelo fato de o próprio curso não estimular a crítica, é também a visão que o engenheiro formado tem de si. Esquece-se que o curso, além de formar especialistas, deve formar cidadãos preocupados com o desenvolvimento sustentável e com o bem-estar da população.*

***Palavras-Chave:** Mídia, Educação Tecnológica, Criticidade*

1 MÍDIA E SOCIEDADE

Com o surgimento e crescimento da importância da mídia na vida das pessoas, as culturas há séculos preservadas foram sendo rapidamente modificadas. A cultura, antes popular, caracterizando e identificando os diferentes povos, foi trocada pela cultura de massa, homogeneizando as características da população mundial e convertendo-se em mercadoria. Como resultado disso, hoje é possível ver os japoneses mais ocidentalizados que os próprios ocidentais, com seus estilos ousados de se vestir e deixando de lado a sua cultura milenar; ou então os índios brasileiros, em plena floresta amazônica, com televisão, roupas de grife e vendendo seus produtos com máquinas de cartão de crédito conectadas por satélite.

A mídia, ao contrário do que muitos pensam, não está apenas relacionada à televisão, ao rádio ou ao jornal, mas a qualquer meio que auxilie a transmissão de mensagens – faladas,



escritas ou por meio de imagens – de um comunicador para um receptor. Sendo assim, ela interfere direta ou indiretamente em tudo o que fazemos. Por estar tão fortemente ligada ao cotidiano das pessoas, ela pode influenciar significativamente suas ações e pensamentos, tornando-se de extremo perigo se mal utilizada.

As novas gerações da população mundial, principalmente a partir dos anos 1980, nasceram e cresceram em meio a essa nova realidade, sendo para elas algo normal o bombardeio de informações que recebem todos os dias. O problema é que desde pequenas as crianças vão absorvendo estas informações sem serem ensinadas a ter uma certa criticidade sobre aquilo que veem, até por falta de criticidade das próprias pessoas que as deveriam ensinar sobre isso, tanto seus pais como seus professores. Desse jeito, vão aceitando tudo como se fosse verdade, sem saber dos interesses que há por trás de quem as transmite.

Toda linguagem é ideológica porque, ao refletir a realidade, ela necessariamente a refrata. Há sempre, queira-se ou não, uma transfiguração, uma obliquidade da linguagem em relação àquilo a que ela se refere. Por sua própria natureza, de mediadora entre nós e o mundo, a linguagem apresenta sempre, inelutavelmente, um descompasso em relação à realidade. Ela não é, nem pode ser, a realidade. A essa diferença substantiva entre a linguagem e o real acrescentam-se as diferenças adjetivas, quer dizer, as variações próprias às posições históricas e sociais dos agentes que a produzem e consomem. (SANTAELLA *apud* CALDAS, 1996, p. 330-331)

Com isso, crescemos acostumados a receber tudo elaborado, de forma a pensarmos não ser mais necessário refletir a respeito do que é aprendido. Passamos a encarar aquilo que é divulgado pela mídia como sendo a própria expressão da verdade. Por isso, ao vermos o consumismo exacerbado e a veneração à vida dos famosos, e até mesmo o endeusamento da ciência, incorporamos essas leituras ao nosso arsenal de verdade. Esse é o resultado de toda uma vida de manipulação comportamental. Essa comunicação impõe um padrão de vida e felicidade a ser alcançado, com objetivos e ideais muitas vezes impossíveis para todos; mas diante da televisão, tudo se torna verossímil, possível.

Tomando como exemplo o endeusamento da ciência, a maior parte do povo nem imagina o que realmente seja essa atividade humana. A televisão passa a imagem de cientistas como sendo pessoas de jaleco branco analisando experimentos em laboratório, indivíduos dotados de inteligência sobrenatural, aos quais devemos louvar. Junto a essas mensagens, vêm afirmações como: “A ciência afirma tal coisa”! E se a ciência recomendou, então devemos seguir! Essa é a imagem que muitos têm e é justamente por isso que comerciais usam explícita ou subliminarmente dessa imagem de ciência.

Entretanto, a Ciência não é uma pessoa física ou jurídica, portanto ela não afirma nada. Se a intenção é empregar citações de cientistas, dever-se-ia mostrar que tal cientista afirma algo, ou que tal grupo de cientistas de certa companhia afirma algo. Mas, com uma falsa imagem já incorporada ao comportamento social, o efeito provavelmente seria o mesmo.

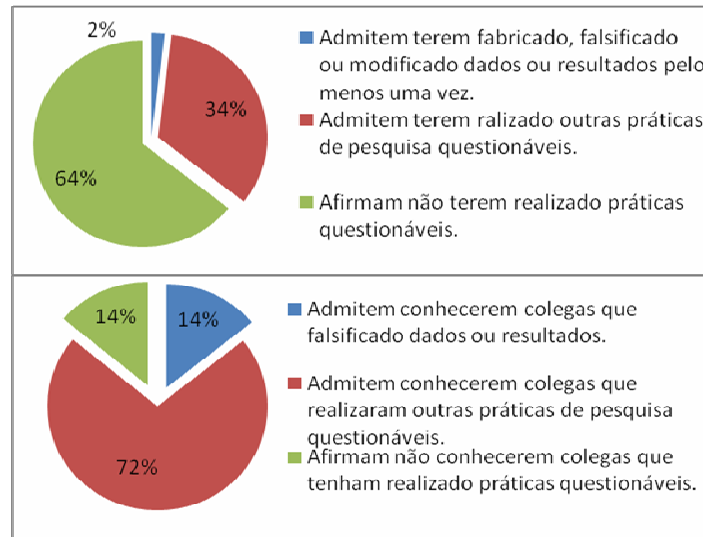
O endeusamento da ciência merece uma boa análise. Cientistas não são algo à parte da sociedade e, como todos nós, estão sujeitos a diferentes situações, tais como:

- Cientistas também fazem afirmações que expressam apenas suas convicções pessoais momentâneas e hipóteses ainda não comprovadas;
- Cientistas também chegam a conclusões precipitadas, fundamentadas em dados incompletos e insuficientes;
- Cientistas também precisam de dinheiro para desenvolver suas pesquisas e podem manipular informações ou emitir opiniões de modo a favorecer os patrocinadores de suas pesquisas;
- Cientistas podem publicar, mesmo em revista científica tida como séria, trabalhos que não representem o resultado rigoroso.



Portanto alguns agravantes depõem contra a imagem da ciência impecável. Em primeiro lugar, o domínio de um indivíduo num campo específico de estudos não o autoriza a emitir opiniões abalizadas em outros assuntos; depois, cientistas ou não, somos seres humanos, passíveis de falhas. Por exemplo, há cientistas que assumem que, em alguns casos, eles já manipularam resultados para favorecer seus estudos ou interesses maiores de corporações, que precisam de tais resultados em benefício de seus negócios.

Os gráficos abaixo mostram dados preocupantes a respeito de um estudo feito com alguns cientistas.



FONTE: FANELLI D. How many scientists fabricate and falsify research? A systematic review and meta-analysis of survey data. Edimburgo, PLoS One, May 2009.

Através de estudos chegou-se à conclusão de que quanto mais jovem, mais imaturo, maior é a influência da mídia sobre a nossa ação; a propaganda passa a ser uma referência decisiva muito cedo. Este aprendizado fica arraigado, difícil de ser desfeito mais tarde. Com isso, jovens tornam-se adultos com um pensamento de que é impossível entender qualquer fenômeno se não se estiver ligado aos meios de comunicação. Isso é algo catastrófico, pois faz com que o homem deixe de pensar por si próprio e passe a pensar como alguém “superior” quer que ele pense.

Então perguntamos: Qual é hoje o papel da escola e dos pais? Qual sua influência na formação das crianças, dos jovens, constantemente bombardeados por uma indústria cultural agressiva?

As crianças e os adolescentes nas sociedades contemporâneas aprendem mais com a televisão do que com os pais e professores? Como caracterizar este *mais*? Mais informações, mais conhecimentos pontuais? Modelos de comportamento, opiniões políticas? Possibilidades de desenvolver sua sensibilidade? A televisão oferece tudo isso e muito mais. A televisão, ao pretender reproduzir o universo real em sua complexidade, constrói um simulacro do mundo em que o indivíduo acaba se encontrando, assumindo as imagens produzidas como se fosse sua vida real. E estas imagens penetram a realidade, transformando-a, dando-lhe forma. (BELLONI *apud* CALDAS, 2001, p. 57)

2 MÍDIA E EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Tanto quanto outros fatores da sociedade, a educação também foi afetada e evoluiu com a mídia, em particular a educação tecnológica, como o ensino de Engenharia. Antigamente, o que era ensinado aos estudantes era o conhecimento que os professores obtinham por



experiência própria ou o que os livros traziam; livros estes que muitas vezes eram bastante escassos, sendo difícil buscar as informações. Hoje a situação é completamente outra. Os estudantes têm acesso a informações pelos mais diversos meios possíveis, como televisão, jornais, internet, entre outros. O número de produções científicas cresce constantemente em todas as partes do mundo, e com um simples clicar do *mouse* é possível ter acesso a elas quase que instantaneamente após a sua publicação.

Esta é uma evolução importantíssima proporcionada pelos atuais meios de comunicação, possibilitando essa troca de conhecimentos. Entretanto, volta o problema da necessidade de criticidade, já que são tantas informações disponíveis, muitas delas emitidas sem rigor. Logo, por mais interessante que algo possa parecer, é sempre necessário ser analisado quanto à veracidade ou ao real impacto que pode acarretar.

Um grave problema provém da forma de aula dos próprios professores, que muitas vezes apenas repassam essas novidades aos estudantes, sem eles mesmos fazerem uma devida crítica sobre o assunto. Os estudantes, então, acostumados desde crianças a aceitar o que lhes é passado pelos seus mestres, absorvem aquela informação. Essa análise deveria ser feita não só quanto às novidades, mas sim sobre tudo que nos é passado. Afinal, quem disse que um autor de certo texto é o detentor da verdade? Estudos são realizados e resultados são obtidos, mas nada impede que estes resultados tenham variantes que nem mesmo quem os estudou tenha pensado. Ou até mesmo, como citado anteriormente, que esses resultados tenham sido adulterados, ou apenas mostrada a parcela de resultados que estejam de acordo com o interesse de pessoas ou organizações.

Um lado negativo desse fácil acesso a tanta informação é que os estudantes em geral pararam de pensar por si próprios. Por que ficar perdendo tempo pensando a respeito de alguma coisa se é possível acessar algo sobre um determinado assunto na internet e copiar? Este é um grave problema, pois nossos futuros pensadores na verdade não estão sendo ensinados a pensar, mas sim a aceitar que outras pessoas pensem por eles. Assim, um importante ponto que deve ser revisto é que a incorporação da mídia ao processo de aprendizagem deve ser feita numa relação crítica, em que o aprender a pensar seja parte integrante do aprender a aprender, para chegar-se ao aprender a fazer.

A apreensão da informação para sua transformação em conhecimento crítico e transformador passa, necessariamente, pela leitura do mundo, sem o que a leitura da palavra não levará a nada. “Sei tudo e não compreendo nada.” Esta frase sintetiza a sociedade moderna, em que o simples acesso à informação em seus múltiplos formatos e vozes não é suficiente para a interpretação do mundo.

Mas como então formar professores para que o uso da mídia na sala de aula vá além de uma mera instrumentalização de conteúdos, sem uma discussão mais aprofundada das linhas editoriais dos veículos, dos processos ideológicos e de manipulação que, cotidianamente, fazem parte das escolhas editoriais?

Certamente não se trata apenas de ensinar os professores a ler as notícias, mas sobretudo de possibilitar a eles, num primeiro momento, uma leitura do mundo para melhor compreenderem, eles próprios, o poder da mídia e o papel ocupado pelos diferentes veículos no espaço público. Só então poderão fazer a leitura crítica da mídia e, conseqüentemente, ensinar o aluno a pensar, refletir sobre os conteúdos noticiosos e, então, desenvolver formas autônomas de pensar o mundo. O aluno deve ser estimulado a perceber-se como agente midiático e não como receptor passivo de conteúdos, para que ele possa com isso situar-se como indivíduo e como parte de uma coletividade. (CALDAS, 2006, p.123)

3 PESQUISA DE OPINIÃO

Para se ter uma idéia da visão dos estudantes de engenharia a respeito da influência da



mídia na educação tecnológica, foi realizada uma pesquisa entre discentes de diversas fases de diferentes cursos de engenharia da Universidade Federal de Santa Catarina. Foram enviadas cinco perguntas objetivas para os alunos do Centro Tecnológico da Universidade, para com isso atingir uma maior diversidade de cursos. Esta pesquisa teve um caráter mais qualitativo do que quantitativo, pois não foram aplicados métodos estatísticos mais rigorosos, por exemplo, para seleção de indivíduos. Abaixo são apresentadas as perguntas elaboradas, assim como as respostas, em porcentagem.

	sim	não
1 – Antes de entrar no curso de engenharia, você possuía uma visão de que os resultados do trabalho dos engenheiros podem ter relevantes impactos sociais negativos?	45,0%	55,0%
2 – Após ter cursado alguns semestres, as aulas na universidade fizeram que você mudasse de visão?	35,0%	65,0%
3 – Você considera que seu curso de engenharia proporciona o debate sobre consequências que as decisões do engenheiro, quanto ao processo de otimização da produção e lucro, podem acarretar?	37,8%	62,2%
4 – Você acredita que ao utilizar retroprojektor e projetor multimídia professores acabam repassando muita informação, sendo difícil assimilar tudo?	58,4%	41,6%
5 – Você acredita que professores dos cursos de engenharia repassam muitas vezes conhecimentos e informações sem uma reflexão mais profunda?	86,4%	13,6%

Como apresentado no tópico anterior, as respostas à primeira pergunta demonstram que, auxiliados pela idéia que a mídia transmite sobre o ser engenheiro, muitos estudantes que ingressam em cursos de educação tecnológica não acreditam ter grande influência sobre aspectos sociais, tanto locais como globais. Isso se deve ao consenso formado de que engenheiros e cientistas trabalham exclusivamente com máquinas na indústria ou em seus laboratórios, isolados da sociedade. Essa idéia é também discutida, de maneira um pouco diferente, em documentários sobre a evolução da tecnologia e o engenheiro na sociedade. Nestes é relatado o fato de que engenheiros muitas vezes sentem-se impotentes com respeito a ações da empresa em que trabalham; como exemplo entram aqui os engenheiros que se preocupam com o meio ambiente, mas que, para a empresa ter um maior lucro, acabam por escolher processos produtivos menos limpos; outro exemplo diz respeito àqueles preocupados com a marginalização de pessoas na sociedade, mas que acabam pagando salários ínfimos aos seus empregados para garantir o crescimento de suas indústrias. Casos como estes nos levam a refletir mais profundamente sobre o papel dos engenheiros em nossa sociedade.

A segunda pergunta do questionário teve como objetivo analisar se as coordenações dos cursos de engenharia estão cientes e preocupadas quanto a este problema enfrentado por diversos dos futuros profissionais que estão sendo formados. Pode-se dizer que o resultado obtido foi o esperado, em função da experiência pessoal dos autores deste artigo. São poucas as disciplinas que possibilitam o aluno refletir sobre o seu papel extra-profissional na sociedade. Geralmente esta oportunidade é disponibilizada apenas em disciplinas optativas, que normalmente são procuradas somente por estudantes que têm certo interesse nesses temas e que já possuem uma opinião formada quanto a isso. Acredita-se que isto seja algo não muito construtivo, pois justamente os alunos que nunca tiveram vontade ou oportunidade de refletirem sobre essas questões são os que deveriam aprender um pouco mais sobre as influências que suas atitudes e decisões no ambiente de trabalho podem ter fora desse



ambiente. Devemos tomar cuidado para não sermos inocentes, acreditando que um engenheiro sozinho, numa função qualquer, pode modificar o mundo. Contudo, sabe-se que, com a soma de esforços, cada um em sua área, de maior ou menor abrangência, pode-se chegar a resultados extraordinários.

Como anteriormente citado, a mídia possui grande influência sobre a população; os estudantes de engenharia não fogem a este grupo. Entretanto, a partir dos resultados da pesquisa, podemos ver que não apenas os estudantes são os grandes afetados, mas também os próprios professores. A grande maioria dos alunos acredita que professores, assim como o restante da população, são bastante influenciados pela mídia. Com isso, acabam repassando conhecimentos e informações muitas vezes sem ter um mínimo de reflexão, sem estimular reflexões mais profundas, tanto com os assuntos dentro do curso como os críticos à sociedade. Esta falta de criticidade construtiva de professores se reflete nos estudantes, já que aqueles são o modelo a ser seguido.

Chama-se atenção para o fato de que, devido à estrutura dos cursos de educação tecnológica, acaba caindo quase unicamente sobre os professores o papel de repassar a atitude crítica a respeito da aplicação de conhecimentos adquiridos e suas consequências. A dependência de que professores mobilizem-se com o intuito de injetar criticidade na vida dos alunos acaba tornando a educação destes neste âmbito extremamente dependente em relação a quem ministra a disciplina. Assim, depende muito da boa vontade do professor em ceder tempo de sua aula para possibilitar uma discussão mais profunda sobre aplicações e consequências de sua matéria, tanto no ambiente de trabalho como fora dele. Esta questão foi levantada no item número 5 da pesquisa, que resultou na opinião da maioria dos alunos afirmativa para a pergunta, de modo que eles acreditam que os professores não sentem necessidade de ter estes momentos em sala de aula.

Outro ponto levantado em relação à qualidade de conhecimento repassado aos alunos de engenharia é relativo ao método utilizado por professores. Acredita-se que, devido aos incessantes avanços tecnológicos, a quantidade de matéria a ser abordada por disciplina tende a um crescimento constante. Este aumento de transmissão de “informação” (nota-se que não é utilizado o termo conhecimento) é possibilitado pelo emprego de novas tecnologias, entre elas o retroprojetor e mais recentemente o projetor multimídia. O interesse aqui não é de tirar o mérito desses dispositivos, que facilitam imensamente a compreensão de muitos assuntos e tornam as explicações mais interessantes. A questão que está em jogo é a correta utilização destes, para que não seja feita apenas uma leitura de um livro projetado em uma tela. É necessário ensinar os professores a usar tais dispositivos de forma construtiva para trabalhar conhecimentos, o que normalmente não acontece. Quando estes são usados, as aulas resultam monótonas, não criando oportunidades para perguntas e reflexões, o que transforma a construção de conhecimento em um repassar de informações.

Outro problema é a passagem muito rápida de assuntos, impossibilitando aos estudantes assimilarem e refletirem sobre o que estão vendo; algo que dificilmente acontece quando são usados os tradicionais quadros negros, quando é possível ver toda a evolução da matéria, passo por passo.

Na resposta à quarta pergunta pode-se verificar que, mesmo sendo aberta a possibilidade de reflexão sobre os pontos positivos do uso de projetores multimídia em sala de aula, como auxílio aos professores, mais da metade dos alunos acredita que há uma excessiva quantidade de informação sendo repassada. Nota-se que esta porcentagem poderia ser ainda maior caso fosse esclarecido aos entrevistados que a pergunta se refere à aprendizagem do conteúdo em sala de aula, e não à vantagem adquirida por ser disponibilizado o material para permitir o estudo por conta própria.

Neste tópico visou-se apresentar e interpretar de maneira simples e demonstrativa a situação da educação tecnológica. Deve-se ter ciência de que foi utilizada como base para as



reflexões uma pesquisa em apenas uma universidade. Entretanto, tira-se daqui que outras instituições de ensino superior que lidam com educação tecnológica sofram de problemas semelhantes.

4 RESULTADOS DE UMA EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DEFICIENTE

Aqui se procura discutir de maneira crítica os resultados de uma educação tecnológica entendida como deficiente. As causas para estes problemas são as mais diversas, entre elas se incluem os problemas levantados no tópico anterior.

Uma grande deficiência é a falta do ensino e da prática de perspectiva, no sentido literal da palavra. Do latim *perspectivus*, provém dos verbos *perspecto* (examinar atentamente) e *perspicio* (olhar através, examinar com cuidado, reconhecer claramente). Outra definição seria: “Uma antecipação qualquer do futuro: projeto, esperança, ideal, ilusão, utopia; o termo exprime o mesmo conceito de possibilidade, mas de um ponto de vista mais genérico e que menos compromete, dado que podem aparecer como perspectivas coisas que não têm suficiente consistência para serem possibilidades autênticas”. (Dicionário Escolar Latino-Português, de Ernesto Faria) Esta definição encaixa-se bem na discussão aqui levantada. A questão é conhecer bem o enfoque do que se está desenvolvendo e as suas consequências, tanto no processo produtivo, na questão financeira da empresa, na sociedade e na aplicabilidade da tecnologia ou técnica. Têm-se a impressão de que falta reservar um tempo para refletir onde se está e onde se está querendo chegar; faltam objetivos mais claros – não desenvolver tecnologias por desenvolvê-las, mas sim com objetivos de sanar necessidades reais, e não apenas por oportunidades de lucro.

Vale lembrar uma pergunta sobre sustentabilidade para reforçar os argumentos tratados até aqui:

O tema da sustentabilidade originou-se na economia ("desenvolvimento sustentável") e na ecologia, para se inserir definitivamente no campo da educação, sintetizada no lema "uma educação sustentável para a sobrevivência do planeta". O que seria uma cultura da sustentabilidade? Esse tema deverá dominar muitos debates educativos das próximas décadas. O que estamos estudando nas escolas? Não estaremos construindo uma ciência e uma cultura que servem para a degradação/deterioração do planeta? (GADOTTI, 2000)

Estimulado pelos resultados obtidos com o questionário realizado e com toda essa revolução do ensino, é interessante debater sobre outro aspecto que está ligado intimamente a estas questões, a "revolução da informação".

É comum a Era atual ser denominada como a Era do Conhecimento, tanto pela importância dada pela mídia como pela grande e fácil disponibilidade de conhecimento, ou melhor, informação. A troca da palavra *conhecimento* por *informação* deve-se à predominância da difusão de dados e informações, pois se relatam pesquisas e novos avanços sem muitas vezes ser entendido seu real significado e aplicação. Isso é possível através das novas tecnologias, que ao estocarem “conhecimento” de forma acessível, acabam confundindo conhecimento com informação. Isso é facilmente perceptível através do uso da internet: pode-se acessar e publicar informações em inúmeras bibliotecas e bancos de dados em todo o mundo, desde que se tenha um computador e conexão à Internet. O problema, como já citado, é a falta de criticidade na absorção destas informações.

Um segundo tema de discussão é suscitado pela reflexão de Ladislau Dowbor. Ele comenta que a escola deve deixar de ser mera lecionadora de conhecimentos, e passar a gerir os mesmos. Para este autor, é a primeira vez que a educação está à frente da direção do desenvolvimento. Esta transformação da educação, principalmente a tecnológica, para uma função estratégica do desenvolvimento não é possível apenas com uma modernização técnica, mas dever-se-á transformá-la também em seus métodos.



Essa mudança de foco da educação pode ser vista como transição da educação tradicional para uma nova educação. Aquela tradicional preconizava que estudantes memorizassem tabelas e valores específicos, para que estes pudessem ser utilizados sem auxílio de livros. Com o aumento gradativo do conhecimento disposto na sociedade, estas atitudes deveriam ser substituídas pelo ensino do saber pensar criticamente. Neste tema pode-se utilizar o raciocínio descrito com base nas respostas do questionário: “Com o aumento do conhecimento, passa-se a ter menos tempo para explicar e entender cada caso separadamente, resultando num rápido repasse e acúmulo de informações”.

O que é proposto por vários pensadores da área é o *ensinar a pensar*, podendo o aluno, ao entender o funcionamento de um caso, aplicar raciocínio semelhante em outros casos. Dessa maneira, o repasse e memorização de informações passa a ser um ensino do conhecimento. Acreditamos ser este um dos problemas mais relevantes da atual educação tecnológica, pois acaba limitando os futuros engenheiros, pensantes, em repetidores de técnicas e metodologias aprendidas, ficando deficiente na parte crítica e extrapolação de conhecimentos, devido à falta do costume de pensar. Assim o "penso, logo existo", de Descartes, está fadado à morte.

5 REFERÊNCIAS

- ANGOTTI, J.A.P; AUTH, M.A. *Ciência e Tecnologia: implicações sociais e o papel da educação*, Ciência & Educação. Bauru: Ciência & Educação, v.7, n.1, 2001.
- CALDAS, G. *Mídia, Escola e Leitura Crítica do Mundo*. Campinas: Educ. Soc., vol. 27, n. 94, p. 117-130, jan/abr 2006.
- FANELLI, D. *How many scientists fabricate and falsify research? A systematic review and meta-analysis of survey data*. Edinburgh: Plos One, May 2009.
- GADOTTI, M. *Perspectivas atuais de educação*. São Paulo: Perspec. v.14, n.2, 2000.
- FARIA, E. *Dicionário Escolar Latino-Português*. Rio de Janeiro: MEC, 1956.

THE INFLUENCE OF THE MEDIA ON THE TECHNOLOGIC EDUCATION

Abstract: *Due to the popularization of the media, the way of teaching in schools and colleges started to change. Nowadays the speed of publication and transmission of knowledge increased substantially, specially related to engineering issues. The same way people are alienated by the media, engineering students narrow their minds during the course, without arguing about the reliance or consequences of what they are learning. This happens due to the method of teaching of several professors, and also because not even these professors are reflecting about what they are transmitting. The Engineer's image passed to the population is that they are strictly related to industries, production and machinery; and that they are apart of the society. This is the likeness which engineering students have when they enter the engineering course, and because their criticalities are not stimulated during this course, this is the image they keep after graduate. It is forgotten that the college should, besides training specialists, concern about educate their students to become rational citizens who are worried with sustainable development and the welfare of the population.*

Keywords: *Media, Technologic Education, Criticality*